

# AVENTURAS D'UM POETA NEBULOSO

---

## CARTAS RURAES

---

### I

*Valle d'Enxota-Tordos, 12 de dezembro.*

Quem podia prevêr, meu amigo, que n'esta aldeia obscura e silenciosa, apenas animada a espaços pelos rumores timidos da maledicencia, especie d'arpejo de rebeça com surdina, haviam de echoar as malquerenças que estão perturbando a republica das letras, ha pouco tranquilla como a de S. Marino, socegada como a superficie da ribeira d'este lugarejo ignorado por todas as academias de geographia?

Escrevo-lhe d'estas solidões agrestes aonde não chegam os echos dos bailes e do theatro lyrico; escrevo-lhe d'estas brenhas onde o *bailarico* e a *cana verde* exprimem a coreographia local, e onde a musica, que nos deleita, é exclusivamente

ornithologica, tendo por interpretes as tutinegras e os môchos na espessura dos pinheiraes.

Quem me decidiu a reduzir a escripta o episodio ocorrido ha poucos dias foi o bom do meu compadre Prudencio, authoridade de peso (sem allusão ás proporções de sua rotunda obesidade). Bom é que saiba, que o meu compadre cumula as funcções laboriosas de procurador de causas, de barbeiro e de alveitar com applauso dos respectivos clientes e a contento dos enfermos por quem reparte os desvelos da sua clinica.

E' possivel, porém, que a minha escripta se resinta da commoção d'espirito que produziram as scenas que vou referir-lhe, e que n'ella se reflecta, como n'un espelho insconsciente, o azedume da luta travada entre homens chãos e abonados por occasião das controversias litterarias recentemente levantadas na imprensa.

Para exacerbar as disposições hostis, a principio latentes, mas que depois raiaram em verdadeira conflagração, contribuiu a chegada d'um estudante da universidade, matriculado no primeiro anno de direito, e membro do instituto de Coimbra.

Ganharam as dragonas de marechal ao soldado raso de Minerva um estudo sobre o *absoluto* que parece uma amostra de *sanscrito* (tão arrevesado é) e uma memoria sobre a *eurythmia* da lingua, traducção nada literal (diz um calouro de theologia da terra, tambem estudante em Coimbra) em

que tudo foi traduzido, menos o pensamento do author allemão, cujo nome basta pronunciar-se para fazer bôlhas na lingua da gente.

O rapaz até nos trajes pitorescos de jornada, em que se apeou da egoa emprestada pelo escriptão de fazenda — egoa cujo chouto é tão incommodo como uma penhora — revela as tendencias do seu espirito.

Um chapéo esguio de fêltro á Salvador Rosa entre os bandidos; uma caçadeira avivada de vermelho, tendo por alamares fartas borlas de lã; uma cinta de sêda á laia de contrabandista, suspendendo do lado esquerdo um punhal e um rewolver — mas que nas mãos do dono tem a mansidão das pombas —; umas largas botas á Cromwell, e uma capa melodramaticamente embuçada, constituem os toques principaes d'este figurino ambulante.

Diz com entono, que á plastica humana só vai bem o typo dos salteadores de Schiller.

Ás raparigas, de que é padrinho na aldêa, põe invariavelmente o nome de Margaridas, e aos rapazes o de Faustos. Em oitocentos fogos, que tantos são os de Enxota-Tordos, já se contam oito Faustos e dez Margaridas.

Se o sol afogueia os pincaros da serra e projecta seus resplendores sobre a agua da ribeira de ouro, o nosso estudante mostra mau humor, encerra-se em casa, manda fechar portas e janellas, e faz do dia noite.

Sustenta que a intelligencia carece de trevas e de mysterio para se avigorar; que as idéas chegam do interior de uma cabeça, ás escuras, tão abundantes e caprichosas como stalactites penduradas dos reconcavos d'uma caverna; que o pensamento não é uma espiga qualquer para amadurecer aos raios do sol. Chama ao rei da luz vulgaridade astronomica, lustre de festa burgueza, artigo de fundo d'esse jornal immenso e azul, o céo. Não gosta do céo retinto na purpura da aurora matinal; parece-lhe prosaico, grosseiro, sa-loio.

O céo côn de pello de morcego é o seu ideal.

Em philosophia estuda Schelling, Hegel, e Feuerbach. Em poesia nunca conheceu senão o Rosendo. Em historia leu dous capitulos de Michelet, e um de Luiz Blanc. Em religião leu-se a si mesmo.

Mergulha, horas inteiras, nas concepções cavas e fundas, como balde em poço, chamando-lhes « cisternas da idéa. » O padre-cura, pouco evangelico em perdoar offensas ao bom senso, pediu ao nosso germanista, que substituisse a expressão pela de « carvoeiras do pensamento. »

Acordou uma manhã o entusiasta dos céos de breu com duas empólas n'un braço, rasto de certo de aranhiço peçonhento. O nosso homem mostrou-as por toda a parte, affirmando ser obra de vampiro nocturno, dos quaes conta que chupam o



sangue ás creaturas, quer deitadas na cama, quer bem mortas no fundo das sepulturas.

Sabe historias medonhas e intimas de vampiros, como quem os tem de casa. Acredita nos maleficios d'estas e outras passarolas, como na propria identidade do *eu*. Em feiticeiras, anãos e koboldos nem fallemos.

Sabe de cór a demonologia do doutor Nicolau Remigio, lendas tetricas de bruxas, de duendes, e de carochas, historias horripilantes de magia, esconjurados, sinas, e artes más do demonio.

Sorriem-lhe os dias nevoentos, as ventanias, os tufões, que torcem e arrancam pela raiz as arvores da encosta. Compraz-se, diz elle, em ser afagado nas faces pelo Satanaz invisivel da tormenta. Parece ter tido por pai um pé de vento, tal é o affecto filial que lhe consagra. Exulta, quando vê o mar debater-se phrenetico debaixo d'um sudario de brumas (assim se exprime na pompa de sua linguagem).

Embriagam-no as symphonias medonhas da procella, deleita-se com o estrepito das tormentas que se despenham do viso dos montes enfurecidas, mugidoras, loucas. Em questões meteorologicas é francamente *sans-culotte*, jacobino declarado e sem refolhos. Detesta a escola ordeira dos astros que giraram serenos nas suas orbitas, e não supporta de forma nenhuma o equilibrio dos poderes atmos-

phericos, por lhe parecer um reflexo dos equilibrios politicos da constituição ingleza, origem d'esses governos bastardos, filhos sacrilegos do absolutismo illustrado e da democracia bonacheirona que com tudo se contenta, com tanto que lhe mettam nas mãos a cana verde de uma soberania nominal.

A alegria indiscreta, com que festeja os encantos das tempestades, já tem alienado do nosso heroe as sympathias dos lavradores pacatos, que preferem, coitados! céo bonançoso e tempo ameno a quaesquer tempestades mais ou menos sonoras.

O que porém mais contribuiu para indispôr com toda esta gente o pensador novel, foi o desplante com que, no ultimo dia santo, em pleno adro da igreja, depois da missa, altercou com o juiz ordinario, homem de juizo e sinceramente religioso, fulminando a abjecção do culto a Deus, que taxou de humilhação ignobil por ser indigno pretender resuscitar um cadaver, enterrado de ha muito pela razão theorica, concluindo a final, que Deus não passava de um phantasma.

— Phantasma me parece a mim quem lh'o chama. Só quem anda embruxado e tem ajustes com o démo é que profere d'essas heresias! — retorquiu fulo de colera o homem que havia muito não sentira correr-lhe pelas veias o fogo da indignação.  
— Em vez d'estudarem leis estes meninos — continuou — para aproveitar a si e aos outros, não apren-

dem senão toleimas. Forte lastima ! e para isto moem a paciencia dos paes e sugam-lhes as meadas arranjadas, sabe Deus, com que sacrificios.

Entre os lavradores circumstantes resoava um borborinho desapprovador.

Um d'elles, bem apessoado e largo de hombros, valentão coroado nos gymnasios da choupa e do varapau, perfilou-se com o estudante, que respondia com posições olympicas de affectado desdem aos gestos bellicosos, e chamou-lhe palhaço das duzias !

As vrias succediam-se em todas as boccas n'um crescendo ameaçador. Todos os rostos traduziam exasperação e furor. Crescia embravecida a vaga das chufas; os grupos dos aldeões envolviam n'um circulo tão apertado o garraio tresmalhado das manadas de Feuerbach, que o nosso heroe viu-se forçado a renunciar aos artificios da scena mudada. Ensaiando um sorriso entre enfastiado e sarcastico, medindo com olhar insolente a turba-multa, rompeu com vehemencia n'uma girandola de erudição philosophica :

— Desprézo como devo — exclamou — os insultos asininos, zurrados não contra mim, a quem a dignidade do homem moderno e a consciencia soberana do intellecto suspendem sobre os cocurutos inaccessibleis do orgulho, como a tempestade sistem a aguia em cima das nuvens gravidas do raio !

— O homem está assim a modo de doudo. Olá

se está! Aquella cabeça leva dentro tanto juizo, como os alcatruzes rotos da minha nora levam agua — disse, interrompendo o orador, o serio juiz ordinario.

— Alli anda enguiço, quebranto, ou mau olhar, oh se anda! — disse, meneando gravemente a cabeça o João da Loja, antonomasia que deve á mais sortida mercearia da terra.

— Sim; a independencia do pensamento moderno — continuou o estudante, atropellando as interrupções — tem sido affrontada por muitos ignorantes, como o está sendo agora mesmo por todos vossês. Mas sabeis a quem insultaes? é a Fichte, a Kant, a Gœthe, a Krauze, a Schelling, a Hegel. Que culpa tenho da vossa ignorancia alvar, mentecaptos?

Quem n'este momento olhasse para as boccas dos ouvintes, veria um bando de tubarões boqui-abertos, prestes a engulirem o gamenho orador. Ouviu-se um susurro precursor de tempestade proxima.

O estudante continuou:

— Que culpa tenho de serdes uns chapados ignorantes das leis mysteriosas, incoerciveis à que obedecem psychologicamente as especulações do intellecto, pelas quaes o *eu* devassa os penetraes do ideal, e abrange, vidente privilegiado, n'uma concatenação d'austeras inducções, as leis supremas da antithese, da harmonia e da synthese? Vossês são

uns mentecaptos, repito. Toupeiras da intelligen-  
cia, não vêdes o vôo da aguia!

— Qual aguia, nem qual carocha! Fóra, fóra!

A turba applaudiu clamorosa os gritos de pros-  
cripção. O orador, tentando um esforço supremo,  
apparentou serenidade, e ergueu mais alto a voz:

— Sabem, vossêes, miseraveis, o que é o *nihilis-  
mo* de Feuerbach, conhecem acaso o unico Deus  
possivel do pantheismo, o Deus-mundo, o Deus de  
Spinoza?

— Diga, diga cá á gente onde diabo essa ter-  
ra fica. Querem vêr que é por ahi algum Deus das  
profundas do inferno que só o doutor, que Deus fa-  
rá, conhece! — interrompeu, contrahindo a boca  
n'um sorriso envinagrado e experimentando a fle-  
xibilidade d'um marmeiro que agitava entre as  
suas mãos possantes, um valentão de feira. O  
athleta deu dous passos para a frente e encarando  
fulo de raiva no estudante, abanou-se lento e ma-  
gestoso, de todo o corpo, como roble agitado pelo  
vento.

O porta-voz das transcendencias germanicas  
percebeu o estado da questão. A razão *pratica* de  
Kant segredou-lhe, que na atmosphera esvoaça-  
vam sylphes maleficos com azas de pau. O terri-  
vel *or be or no to be* (traducção livre) « o ser ou  
não ser sovado » apparecia-lhe em toda a lucidez  
diabolica da fatalidade.

Mais protectora do *eu* material do poeta, a se-

gunda parte do dilemma foi a que agradou ao discípulo dos philosophos tenebrosos, persuadindo-o a manter intacta, na rapidez da fuga, a integridade dos ossos visivelmente periclitante.

Havia muito tempo que se não dera escândalo tão grande. A botica da terra, onde se reune a flor das más linguas, commentou larga e ferinamente o acontecimento.

Os commentarios, diga-se a verdade sem rebuço, excediam, em fereza, as conclusões finaes dos raciocinios contundentes, que, n'esse dia asiago, estiveram, vai não vai, para ser formulados pela dialectica maciça de varapau sobre o costado do infeliz *allemand*.

Poucos dias decorreram depois do episodio do adro, quando novo sainete — de que foi theatro a botica, e protagonistas o presidente da camara e o soturno cultivador do *absoluto* — veio dar pasto abundante ás palestras das senhoras vizinhas e espertar as galhofas locaes.

## II

*Valle d'Enxota-Tordos, 21 de dezembro.*

*Meu amigo.* A repartição tachygraphica das sessões nocturnas da botica da terra não attingiu ao grau de aperfeiçoamento bastante, para que eu possa narrar-lhe textualmente as apostrophes e invectivas que hontem á noite se lançaram em rosto o presidente da camara e o nosso estudante, o Morte Certa, alcunha d'agouro para os clientes d'este rabula d'aldêa, e o filho do morgado, o qual, benza-o Deus, tambem já engatinha pelos semanarios philosophico-litterarios, cujos leitores regala com os cogumelos da nova escola.

A ultima discussão sobre a Idéa moderna (com I grande), acalorada sempre, acabou em verdadeira tormenta. O estudante esbravejava com as

garrochas que de todos os lados lhe punham aquelles Carmonas improvisados. O garraio tresmalhado das manadas de Feuerbach sacudia com raiva a selva de ferros, de que o haviam ouricado, sem dó, o presidente e o advogado, agil bandarilheiro polemico, officio aprendido nos auditórios á custa do proprio pudor e do dinheiro dos clientes. A vítima contorcia-se tão desesperadamente, que nem sequer ouvia o tilintar debil mas amigavel da choca protectora, o seu leal collega, filho do morgado.

— Não me espanta — bradava a final com voz rouca o estudante quasi extenuado de forças — não me espanta, que o verbo humanitario de uma litteratura devorada de sentimentos mysticos e insondaveis seja para os espiritos desalumiados, que se arrastam nas trevas da rotina, thema fertil de mofas e sarcasmos. A Idéa nova deslumbra. As visões do Ideal offuscam as intelligencias fracas que a meditação cava do intellecto não tem avigorado nas suas piscinas sombrias. Embryão que palpita surdamente nas visceras da humanidade, a Idealisação, divina como a Idéa de que é gerada, não pôde ser senão o apanagio doloroso dos pontífices do pensamento revestidos da estola ensanguentada mas invisivel do sofrimento e do martyrio. Oh ! que apostolado salpicado de lagrimas e coberto de affrontas não é a propugnação do Ideal, da Idealidade e da Idealisação — grada-

ções successivas da Idéa — ! Quanto custa romper caminho através dos motejos dos phariseus de todas as philosophias, dos sacrifices de todas as revelações, cuja irradiação ha-de ser na serie dos tempos o ante-gosto do sereno Ideal destinado aos homens nas Biblias intangiveis e secretas que só os videntes podem soletrar nos álphabets mysteriosos da humanidade !

— Ora quem diria — interrompeu o endiabrado causídico — que tão grandes problemas viriam a dar n'uma questão de alfabeto !

— Receitam-nos o abc os senhores philosophos á ultima hora, apesar de terem vivido na mais completa abstinencia de alimento tão nutritivo — atalhou ironicamente o presidente da camara.

— Pois cuidam — continuou o estudante inspirado como a sibylla sobre a tripode — que todos podem lêr correntemente no grande alfabeto da humanidade ? Pensam que as ironias tão alvares como o riso da multidão embrutecida podem suprir a ondulação sonora d'essas vozes archangelicas, fadadas a revelar a palingenesia social cerrada por ora com o sello tremendo do Apocalypse ? Se não crêem nos videntes que em breve hão-de restituir a humanidade ás espheras de luz, fazel-a viver a vida synthetica e expandil-a na espontaneidade da synderese, pelo menos não acordem com os guizos de chocarreiros e foliões o sonno

\*

hypnotico dos que se afundam no oceano gelado da meditação.

— Em dezembro, com o frio intenso que faz, deve sermediocremente agradavel esta especie de banhos. Prefiro antes um ponche queimado, a cujas chammas azuladas se illuminavam na mente de Hoffman mil visões graciosas — disse o advogado, deixando-se descahir pela decrepita cadeira de palhinha, as pernas estendidas, e os olhos vagando pelas espiraes de fumo azues, que tirava, a espaços, de um magro charuto de vintem. E voltando-se para o estudante: — Ora, doutor, faça scintillar ao menos uma lentejoula — uma só que seja — do seu manto philosophico. Alumie-me o entendimento bronco a respeito do officio de *vidente*, o qual pelos modos é um dos mais activos da sua republica da Idéa. Tenho pressa, estou ancioso d'ouvir o manual theorico e pratico do vidente, explicado pelo doutor.

— E' possivel que o escarneo e a descrença, que illuminam as intelligencias vulgares como tochas morticas no fundo de cryptas funebres, lhe estejam aguilhoando a curiosidade maliciosa...

— Engana-se — atalhou o presidente — o nosso advogado é singelo como um idyllio, inocente como uma freira... depois de professar. Esclareça-nos, snr. Kant Junior. Declaramo-nos pendentes de seus labios como de um despenhadeiro vertiginoso.

— Podem os ignorantes arremessar-nos ás valas do sarcasmo, esmagar-nos com a materialidade *phonica* da palavra brutal das multidões desvairadas, acoimar-nos de tresloucados e visionários. Essas que outras chufas insulsas arredam-nos com o pé nós os que lidamos em nos guindar ao absoluto, ao indivisivel, que nos absorvemos na unidade, forcejamos por desempegar a alma dos limos da prosa, que nos alumiamos de continuo ao pharol interno e velador como luz de philosopho hermetico arrancando á natureza seus mais profundos arcanos. O que a escola palpitante de amor humanitario não pôde — sempre que se lhe depara ensejo — é deixar de rasgar o involucro da chrysalida mysteriosa. Dir-lhes-hei pois o que é o vidente. O vidente é o propheta. Sobre seus homens fluctua o manto olympico dos oraculos. No seu rosto, no momento da inspiração, fulge-lhe o luar da transfiguração, perfume immaterial do infinito. Quando os raios do Ideal o illuminam, trepa ao carro de fogo, como Elias...

— Ou como qualquer boneco de fogo preso de arraial, com a diferença de que ao vidente não lhe arde senão o juizo! — interrompeu o mofino do advogado.

— Então — continuou quasi em delirio o estudante — o vidente transpõe precipicos; galga abyssos; murmura-lhe em redor um mundo invisivel; experimenta o extasis espontaneo; torna objecti-

vas as visões da phantasia; eleva-se á hypnotisação; as faces sorriem-lhe radiantes como a transfiguração do Thabor.

— E n'esse momento — perguntou o presidente — ha enfermeiros promptos, com camisas de força nas mãos, para as enfiarem pela cabeça abaiixo dos taes malucos?

— Que inepcia a sua, senhor presidente! Quem ha-de impedir a voz da intensidade absoluta, a que os seres e a humanidade decrepita chamam Deus, fallando pela bocca do vidente?

— Ah! com que Deus não é Deus, é a intensidade absoluta! Ora historias! — resmungou, enjoado, um dos parceiros do gamão, atirando com as pedras bruscamente, e levantando-se d'onde estava, para se aproximar dos interlocutores.

— Sim! tres grandes factos dominam o mundo — a religião positiva ou natural, o direito, e a arte. A synthese de todos estes factos reside no *bello*, onde desapparecem todas as desharmonias.

— Deus nos livre que tal aconteça. Desapparecerem as desharmonias? — interrompeu Morte Certa, o rabula implacavel. — Então lá se iam pela agua abaiixo a citação, a replica, a treplica, a appellação, o aggravo, a penhora, doutor, a penhora, que é o pasto da justiça.

— Quando o vidente interpreta o mundo invisivel — prosseguiu o estudante, sobranceiro ás interrupções — quando está no extasis da abstracção,

sua physionomia assume o aspecto severo das antigas cathedraes, os cabellos são outras tantas linhas architectonicas a infinitivar-se para o céo<sup>1</sup>, o olhar torna-se mysterioso como uma ogiva sombria.

— Olhe, doutor — exclamou o presidente — preciso que me escute, que vou ser severo, serio, mas franco e verdadeiro. Todas essas orgias de palavras, todos esses absurdos são inimigos mortaes da arte, da litteratura e da philosophia, cujo mais forte cimento é o senso commun. O doutor não é um homem, é uma doença. A litteratura, de que o doutor e os seus confrades adoeceram, é uma epizootia. A philosophia e a arte tambem teem pantanos e charcos. Os senhores não cantam, coaxam; são rãs que aspiram a cantar de rouxinoes. Brotaram no terreno da philosophia como juncos nas lagôas. A sua arte e a sua litteratura são miasmaticas, produzem sezões e febres paludosas. Os senhores todos são altamente insalubres, e, por sua causa, vê-se o reino inteiro obrigado a tomar doses enormes de quinino.

Embora não me acredite, olhe que só a clareza, o estudo dos bons modelos, o respeito ao bom senso podem firmar em solido alicerce as litteraturas duradouras. Os arrojos e os impetos da nova escola, de que é sectario, não passam

<sup>1</sup> Este trecho é textual do sr. Theophilo Braga.

de deslocações de *clowns*, de tregeitos de palhaços, de convulsões d'*epilepticos*, de furores, de demencias.

Ha trechos sublimes, não o nego, na escola dos videntes ; pena é haverem nascido orphãos da grammatica. Ao frontispicio florido do templo da arte nova é lastima, que lhe encubram os lavores as têas d'aranha que d'elle se dependuram, e aonde o pensamento se enreda como se fôra uma mosca. Seus porticos sumptuosos estão obstruidos com montões de lixo grammatical.

Nos matagaes bravios da sua escripta, meu doutor, não se pôde dar um passo, sem os desbastar primeiro com o machado da prosodia e da syntaxe.

Iconoclastas d'estas imagens venerandas, melhor fôra que os senhores as respeitassem do que render culto supersticioso ás divindades tenebrosas da synderese, da identidade absoluta e da transhumação, ás quaes queimam incenso idolatra em livrinhos que nem sequer são da feira de Leipsick, que se vendem a peso no caes de Voltaire e que os senhores acabam de deturpar, trasladando-os de francez suspeito para portuguez de contrabando.

A esta rajada, o estudante carrega sobre os olhos o chapéo e embuça-se magestoso de desdem, dispondo-se para sahir. A dez passos da porta, inchá-o porém de repente o demonio do orgulho ; e,

estacando firme e solemne, rompe n'um chuveiro d'objurgatorias, que por sua exuberancia somos forçados a omittir. Bastará apontar a peroração, cuja idéa principal consistiu em annunciar, que se retirava dentro de poucas horas para Coimbra; que não podia viver intellectualmente em burgo tão immundo como este; que o homem moderno em Enxota-Tordos havia de vegetar sempre como os lichens na humidade; que aqui eram impossiveis o connubio da philosophia e da poesia, o extase indecifravel de Swedemborg! Dizendo isto, e tirando á pressa de cima da mesa os «originaes epusculos», origem da polemica, colerico e rubro até á ponta das orelhas, volteu-se mais uma vez para traz, e, fitando o auditorio, bradou-lhe com voz stentoria, que a gente de Enxota-Tordos era mais impensante e irracional do que os mesmos cevados.

Ainda bem não acabavam de ser proferidas estas palavras provocadoras, senão quando voavam as pedras do gamão e os frascos da mesa posta ao meio da botica, despedidos por diversas mãos. Todos estes projectis mais ou menos pharmaceuticos condensaram-se n'uma nuvem e cahiram de chofre sobre a cabeça e as costas do estudante, que tomou as de Villa-Diogo debaixo do fogo cruzado das garrafas, e pingado dos xaropes, vendo-se obrigado, tal foi a precipitação da reti-

rada, a deixar a capa entalada na porta da videraça que fechou sobre si como meio defensivo!

Com tal desfecho é provavel que não progrida a nova escola em Enxota-Tordos, onde lhe resta por unico evangelisador o filho do morgado. E d'ahi, quem sabe? As religiões florescem no meio da perseguição e sobre a campa ensanguentada dos martyres vem a fulgir depois a luz divina da apoteose.

Se d'esta vez não correu sangue, em compensação, o pharmaceutico, socio tardio do boticario de Tolentino, chora os frascos entornados e os xaropes perdidos, com que seus frequentadores, em desaggravio da honra beliscada senão offendida, intentaram refrescar a cabeça vulcanica do nosso escolar, que tão cedo não vestirá armas de cavaleiro andante de sombras e nevoeiros, nem sentirá desejo de correr levianas aventuras.

É escusado dizer-lhe, meu amigo, que depois d'esta tempestade n'um copo d'agua... de Sedlitz, a nossa aldêa recahiu na mudez e na monotonia do costume. Quem nos déra possuir todos os dias um poeta-philosopho moderno, para nos alegrar os ocios tristes da solidão !